

Arte, política, e ‘sociedade sem relato’

Art, politics, and ‘society without reporting’

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

Enviado a 22 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2016.

*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Estúdio*.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA).
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Resumo: A proposta da “Revista Gama” associa-se ao projeto do “Congresso CSO — Criadores Sobre outras Obras,” mas assinalando uma opção editorial específica, de valorizar as obras merecedoras de uma reapresentação. Olha-se a cultura num contexto de mudança profunda na “Sociedade sem relato” (Canclini). Procuram-se referências no “desordenamento cultural” (Martín-Barbero) para uma renovação da política, através da sua internalização, no contexto hiper conectado. Artistas retêm na sua memória a obra de alguns dos seus companheiros de trabalho: o seu olhar é privilegiado para conhecer o fazer artístico do lado de dentro, construir a cultura.

Palavras chave: Gama / sociedade sem relato / arte / política.

Abstract: *The proposal of “Revista Gama” Journal joins the “CSO Congress project — Creators on other works,” but highlighting a specific editorial option, valuing the works deserving a reintroduction. The culture is observed in a context of profound change, the “Society without reporting” (Canclini). References are sought on the “cultural disordering” (Martín-Barbero) in order to search for the renewal of politics, through its internalization in the hyper-connected context. Artists retain in their memory the work of some of their fellows: their look is privileged in order to know the artistic work from inside, and build culture.*

Keywords: *Gama / Society without reporting / art / politics.*

A proposta da *Revista Gama* associa-se ao projeto do *Congresso CSO — Criadores Sobre outras Obras* — mas assinalando uma opção editorial específica, de valorizar as obras merecedoras de uma revisão ao seu tempo, à sua génese, ao seu contexto.

O estudo destes contextos permite um olhar integrador sobre a cultura. A mudança é profunda. Hoje já não se poderá mudar o mundo, resta ocupar os espaços desgobernados: é o perigo da “Sociedade sem relato” (Canclini, 2010:22).

Talvez a pesquisa que se impõe seja aquela que consegue estabelecer novas relações entre os referentes e agentes culturais, sem ambicionar revelar tramas ocultas, mas propondo linhas condutoras que permitam uma leitura do mundo:

O par arte / comunicação marca hoje [...] um espaço de tensões fecundas entre resíduos e emergências, entre contemporaneidades e destempos, um espaço de ‘desordenamento cultural.’ E é desde esse desordenamento que a arte pode continuar a nos dar, nesta desencantada mudança de século, o mínimo de utopia sem a qual o progresso material perde o sentido da emancipação e se transforma na pior das perversões (Martín-Barbero, 2003:1).

O caminho passa pela renovação da política, através da sua internalização, no contexto hiper conectado. A técnica incorpora a sua transformação em sentido, através do seu resgate atento.

O artigo de Marco Scarassatti (Minas Gerais, Brasil) “Acerca de Pindorama, de Walter Smetak” motivou a escolha da nossa capa. A conectividade virtual de hoje é antecipada em 1970 neste instrumento musical coletivo que pode ser tocado por 60 músicos em simultâneo. A improvisação e o pensamento provocam o acontecimento, projetado por este autor suíço radicado no Brasil.

María de la Luz Feijóo (Vigo, Espanha) “El cuerpo herramienta de Tony Orri-co” introduz o desenho performativo e coreografado de este autor norte-americano que prolonga o corpo nas suas possibilidades de alcance e de organicidade.

No artigo “La influencia del barroco español en los retratos del fotógrafo Pierre Gonnord,” Jose María Gutiérrez-Cuevas (Espanha) debruça-se sobre as ressonâncias velazquenhas presentes na fotografia de Gonnord: a imagem dialoga com as referências da arte, autorreferenciando e atualizando o seu discurso.

Luísa Kiefer (Rio Grande do Sul, Brasil) em “O processo fotográfico e o tempo na *Série Morandi*, de Fábio Del Re” apresenta as fotografias de Del Re estabelecem um diálogo intenso com o universo de Morandi.

O texto “A realidade das coisas: o olhar-que-vê, Gérard Castello-Lopes,” de Anabela Mota (Lisboa, Portugal) lança um novo olhar sobre ‘a pedra’, fotografia de 1987 de Castello-Lopes, imagem que anula o peso como se uma mónada tivesse sido capturada no sítio onde o mar começa:

*Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.*
[...] (Camões, Os Lusíadas, Canto III, 20)

Lola Dopico (Vigo, Espanha) no artigo “Ignacio Pardo: pintura e imagen electrónica, práctica pionera de la experimentación videográfica en el contexto de los años 80 en España” aborda o experimentalismo vídeo de Pardo, inserindo-o no contexto da ampliação observada neste género desde os anos 80.

No artigo “O lugar do espectador na obra de Helena Almeida: a experiência de *ser* pintura,” Viviane Soares Silva (Lisboa, Portugal) analisa as transgressões do plano da tela que H. Almeida introduz desde cedo no seu percurso que promete emancipar o pensamento dos seus objetos.

Edward Venero (Lima, Perú) no artigo “El país del mañana de Juan Javier Salazar” apresenta uma perspectiva sobre este membro do Taller Huayco (Lima, 1955) que desde cedo incorpora a implicação social como suporte para os seus objetos de atividade híbrida. O Perú como interrogação “mestiça” convocando-se as suas raízes e as suas representações.

Em “As artes gráficas no Amazonas: o Clube da Madrugada,” Rômulo Pereira & Luciane Páscoa (Amazonas, Brasil) apresentam a atividade editorial de um grupo de Manaus na década de 50 do século XX: o ‘Clube da Madrugada.’

Clarisse Alvarenga (Minas Gerais, Brasil), no artigo “Imagem-inacabamento no cinema: investigação sobre a opção de não-montar em dois filmes de Andrea Tonacci,” apresenta as pesquisas de 1978-1980 deste cinesta, nomeadamente a sua opção pela não montagem nos documentários sobre o impacto que a construção da Rodovia Transamazônica exerce sobre os Arara, e outros filmes sobre grupos étnicos ameaçados.

Em “Água e Vida: pedra, ferro e madeira: dois irmãos artistas de Valcamonica, Itália” Cláudia Matos Pereira (Brasil) apresenta a obra dos italianos Belmondo e Mondoni, originária nos Alpes italianos, desdobrando-se pela arqueologia experimental e também pela escultura.

Rose Louzada Gomes (Espírito Santo, Brasil) no artigo “Amylton de Almeida singular e plural: luz, câmara, ação...” revisita os 8 documentários deste realizador, rodados nos anos 60, 70, e 80 que testemunham distintas realidades profundas e identitárias do Estado de Espírito Santo (os Quilombos, os pomeranos, e formas de exclusão identitária e de demarcação coletiva nesta região).

Em “Alípio Pinto,” Ana Mena (Lisboa, Portugal) debruça-se sobre a obra

daquele escultor português, com especial atenção sobre a tecnologia de metais utilizada para um painel em baixo relevo através do uso da técnica da galvanoplastia.

Ronaldo Oliveira (Paraná, Brasil), no artigo “O corpo fragmentado, erotizado e poetizado de Hudinilson Junior” revisita a figura irreverente e já desaparecida deste artista inquieto e também professor marcante.

O artigo “A propósito do S. Jerónimo de Alberto Nunes,” por João Castro Silva (Lisboa, Portugal) debruça-se sobre uma peça maior, de 1872, do escultor português Alberto Nunes: o São Jerónimo interroga a transitoriedade com a tranquilidade dos santos, introduzindo uma nota pré-simbolista na escultura portuguesa.

Alguns dos artigos apresentados neste número 8 da revista Gama devolvem-nos conhecimento sobre propostas artísticas menos conhecidas no decorrer das décadas. Artistas retêm na sua memória a obra de alguns dos seus companheiros de trabalho: o seu olhar é privilegiado para conhecer o fazer artístico do lado de dentro, testemunhar o entretecer das tramas onde se elaboram os discursos, intervenções que constroem a cultura.

Lança-se o olhar, procura-se entre os iguais estudam-se as falas. As coisas precisam de voltar a ser pensadas.

Referências

Camões, Luís de (2015) *Os Lusíadas*. Coleção Clássicos Porto Editora. Porto: Porto Editora. ISBN: 978-972-0-04956-8

Canclini, Néstor García (2010) *La sociedad sin relato: Antropología y estética de la inminencia*. Buenos Aires, Madrid: Katz Editores. ISBN 978-987-1566-30-3.

Martín-Barbero, Jesús (2003) *Nuevas claves de la visibilidad social y la creatividad (seminario)*. Bogotá: Universidad Javeriana, Seminario de posgrado. [Consult. 2016-02-24] Disponível em URL: <http://pt.scribd.com/doc/19241339/Seminario-Arte-comunicacion-y-tecnidad>